

# Mais miserável, país prepara 'herança maldita' sob Bolsonaro

Marcas dos últimos anos, subemprego, baixa produtividade e rombos travam crescimento do país

FERNANDO CANZIAN

■ Apesar da recuperação prevista para 2021 e 2022, o mercado de trabalho na baixa renda deve manter tendência da última década de crescente informalidade.

Segundo especialistas, essa será uma das principais travas à aceleração do crescimento e para o resgate de milhões de brasileiros que se tornaram miseráveis na pandemia.

Na década passada, o Brasil teve o pior desempenho dos últimos 120 anos, empurrando os menos qualificados para a informalidade.

Na pandemia, mesmo o trabalho informal foi dizimado pela paralisia do setor de serviços, responsável por 70% do PIB (Produto Interno Bruto) e dos empregos, metade deles fora da formalidade.

As principais ocupações desse segmento (trabalhadores domésticos e empregados do setor privado sem carteira, conta própria sem CNPJ, entre outros) perde-

ram até 20% das vagas.

Já os menos instruídos, majoritariamente informais e que não chegaram a completar o ensino médio, viram até 17% da renda desaparecer, segundo o Ibre-FGV (Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas) com base em pesquisas do IBGE (Pnad e Pnad-Covid-19).

Na retomada atual, ainda tímida e incerta pela falta da vacinação, será necessário que a hoje metade da

força de trabalho informal recupere melhores níveis de ocupação e renda para voltar a consumir e, assim, acelerar crescimento, investimentos e contratações.

O estrago da pandemia no mercado informal não apenas ampliou a desigualdade —pois os mais ricos e escolarizados recuperaram a renda— como fez a pobreza extrema voltar ao patamar de meados dos anos 2000.

No primeiro trimestre de 2021, os miseráveis (renda

mensal inferior a R\$ 246/mês) somavam 16% da população, ou 35 milhões de pessoas. Em 2019, antes da pandemia, eram 24 milhões na pobreza extrema, ou 11%.

Segundo o Datafolha, entre os mais pobres, com até o ensino fundamental, 40% dizem estar sem comida.

Desde agosto do ano passado, segundo a FGV Social, quase 32 milhões de pessoas deixaram a classe C (renda domiciliar entre R\$ 1.926 a R\$ 8.303). A maioria (24,4 milhões) desceu à classe E (renda até R\$ 1.205) ou direto à miséria.

Para a consultoria Tendências, as classes D/E, agora mais numerosas, devem amargar mais 15% de perda de renda neste ano, travando a recuperação via consumo das famílias —que foi, até a pandemia, o principal motor da economia.

A alternativa seria o país crescer apoiado em maiores taxas de investimento e poupança. Mas ambas estão nos menores patamares desde os anos 1980. (Folha)

**MISÉRIA E INFORMALIDADE EM ALTA | BRASIL TERÁ DIFICULDADE****Pobreza extrema volta a aumentar**

Ganham menos de R\$ 246/mês, em % da população



Fontes: FGV Social, MB Associados, FGV-Ibre, Pnad Continua, Pnad Covid-19, Contas Nacionais, Banco Central, BNDES e Penn World Table (Feenstra, Robert C., Robert Inklaar and Marcel P. Timmer)

**Desemprego dispara entre menos escolarizados**

Corte de vagas, em %\*



\*Em 2020, em relação ao ano anterior